

SERMÃO 2020

quebrando osilêncio®



**quebrando
osilêncio®**

DEUS E A VIOLÊNCIA

Augusto Cesar Maia

Preparado pelo Departamento do Ministério da Mulher
Divisão Sul-Americana



Direitos de tradução e publicação reservados à
CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD
Setor de Grandes Áreas Sul, Quadra 611,
Conjunto D, Parte C, Asa Sul, DF
CEP: 70200-710 - Brasília, DF
TEL: (61) 3701-1818
www.portaladventista.org

Autora: Augusto Cesar Maia
Revisão: Depto. de Tradução - Divisão Sul-Americana
Coordenação: Ministério da Mulher da Divisão Sul-Americana
Diagramação e capa: Marcos Aurélio Gularte de Castro
Impressão e acabamento: Casa Publicadora Brasileira

DEUS E A VIOLÊNCIA

INTRODUÇÃO

“Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra” (Gênesis 6:13).

A violência tem estado presente em diferentes contextos socioculturais ao longo da história da humanidade. E em nosso mundo pós-moderno, vivemos momentos turbulentos, ou melhor, em um estado de violência latente.

Em todo o mundo, mais de 50 mil mulheres são assassinadas anualmente por companheiros atuais ou passados, por pais, irmãos, outras mulheres, e até irmãs e outros parentes, simplesmente por causa do papel que exercem em sua condição de mulher.

No Código Penal brasileiro, o feminicídio, crime considerado hediondo, é o assassinato de uma mulher cometido por razões em torno da condição de ser uma pessoa do sexo feminino. Esse tipo de crime tem como origem a violência doméstica e familiar e/ou o menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

No Brasil, o feminicídio ocupa o quinto lugar no ranking mundial de mortes contra mulheres e violência doméstica. As pesquisas apontam também que o aprendizado da violência está no cerne do comportamento masculino violento: 70% dos homens que praticam atos violentos presenciaram violência na infância. E esse tipo de convivência faz com que incorporem um padrão de violência nas suas relações afetivas.

Outras pesquisas mostram que na maioria das vezes

o perfil do agressor é de pessoas “normais”, cidadãos “de bem”, isto é, são brancos, negros, jovens, adultos, idosos, ricos, pobres, desempregados, assalariados, pais de família.

Apesar de não haver um perfil único que caracterize o agressor, algumas das características mais descritas na literatura sobre esses homens são a inflexibilidade cognitiva, a presença de pensamentos distorcidos, a impulsividade e o fato de não assumir responsabilidade pelos próprios atos.

Quanto à idade dos agressores, os dados apontam que desde adolescentes até idosos podem agredir. A faixa etária não é algo determinante. A maioria é sem antecedentes criminais, e pouquíssimos possuem histórico de doença mental.

Sobre a escolaridade, 47,6% dos homens que agredem não completaram o ensino fundamental. Ainda segundo a análise, o fato de o parceiro ser desempregado, ser aposentado ou ter um trabalho informal aumenta em quase duas vezes o risco de ele cometer violência. Dessa forma, podemos constatar que os agressores de mulheres não são monstros, nem loucos. São homens comuns.

Existe um dado novo e desconcertante em relação ao feminicídio: as pesquisas atuais mostram que em 45% dos casos os homens que assassinaram seu par não tinham nenhum antecedente violento conhecido; entrariam num amplo grupo que pode ser classificado como de agressores “eventuais”, e, portanto, imprevisíveis.

A grande massa de agressores e assassinos de mulheres leva uma vida socialmente normal. E, dessa forma, percebe-se que não há um padrão único; a violência de gênero não pode ser tratada como um fenômeno homogêneo, porque é heterogêneo e multicausal.

O feminicídio é um crime de ódio. Esse tipo de ódio se espalha pelo mundo moderno, se encontra em São Paulo, na Geórgia, em Berlim, na Síria, na Rússia, no Iraque, em Los Angeles, e em muitas outras partes do mundo. Esse

ódio alcança o cidadão comum e ocorre, na maioria das vezes, no contexto da relação de um casal.

A agressividade pode ser considerada uma qualidade natural humana, uma vez que precisamos dela para nos impulsionar, dar o *start*, por meio da energia que despende, para diversas atividades da vida. É possível afirmar que parte dessa energia se junta à nossa intuição para a defesa contra predadores, ou seja, é uma porção do instinto de sobrevivência.

Porém, o desequilíbrio dessa agressividade pode transformar muitos de nós nos verdadeiros e perigosos predadores, em uma sociedade já saturada de pressões psicológicas e exigências morais que desafiam nosso equilíbrio mental. O resultado da soma desses desequilíbrios com nossa herança genética e o ambiente no qual somos expostos desde a infância, cria condições favoráveis para o surgimento de ações odiosas e danosas a nós mesmos e à sociedade.

I – DE ONDE VEM A VIOLÊNCIA, SEGUNDO A ESCRITURA?

1ª – A VIOLÊNCIA NÃO VEM DE DEUS

A criação é um ato de amor e poder, não de violência. Nós que somos cristãos precisamos e devemos ter uma compreensão mais profunda das raízes da violência.

Na mensagem de Deus a Noé, Ele deixa claro que não é cúmplice da violência humana: *“Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra”* (Gênesis 6:13).

Após serem expulsos do Jardim do Éden, Adão e Eva tiveram seus dois primeiros filhos, Caim e Abel. *“Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz*

a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do Senhor. Depois, deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador” (Gênesis 4:1, 2).

Segundo Ellen White, os dois irmãos “*estavam cientes da providência tomada para a salvação do homem, e compreendiam o sistema de ofertas que Deus ordenara. Sabiam que nessas ofertas deveriam exprimir fé no Salvador a quem tais ofertas tipificavam, e ao mesmo tempo reconhecer sua total dependência dEle, para o perdão; e sabiam que, conformando-se assim ao plano divino para a sua redenção, estavam a dar prova de sua obediência à vontade de Deus*” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 40).

2º – A VIOLÊNCIA PROVÉM DO ÓDIO, CIÚME E INVEJA QUE CULTIVAMOS EM NOSSO CORAÇÃO

É razoável supor que Caim imaginava que, como primogênito, seria o escolhido por seu pai para receber sua bênção e um papel de liderança na família. Mas ele foi preterido. Dessa forma, Caim, sentindo-se inferiorizado em relação ao irmão mais novo, fechou-se e deixou-se invadir pela inveja que criou ódio contra quem tinha o que ele desejava.

Esse sentimento cultivado no coração está na raiz dos nossos atos violentos. E segundo o relato bíblico, esse ódio contra quem tem o que você deseja, é o verdadeiro responsável pelo primeiro ato homicida da humanidade (Gênesis 4:1-16).

Caim matou Abel por uma razão que veio de dentro do coração – seu egoísmo gerou ciúme e inveja a ponto de transformar seu amor em ódio. Esse desequilíbrio envolvendo o ciúme e a inveja torna-se nítido quando Caim o expressa de forma violenta e assassina, chegando a negar o valor e a importância do outro para afirmar a existência de seu próprio valor.

Isso acontece porque o ciúme agrega consigo um complexo de vários sentimentos como raiva, inveja, ódio, posse e baixa-autoestima, gerando insegurança e desenvolvendo um desequilíbrio entre o desejo e a posse.

3º – A INDEPENDÊNCIA DE DEUS TAMBÉM PROVOCA ATOS VIOLENTOS

Segundo Ellen G. White, Caim “*preferiu a conduta de dependência própria. Viria com seus próprios méritos. Não traria o cordeiro, nem misturaria seu sangue com a oferta, mas apresentaria seus frutos, produtos de seu trabalho. Apresentou sua oferta como um favor feito a Deus, pelo qual esperava obter a aprovação divina*” (*Patriarcas e Profetas*, p. 40).

Caim se tornou um idólatra, e essa idolatria provocou uma cisão interna e uma separação de Deus, geradoras de angústia e infelicidade, as quais o fizeram ter sentimentos hostis e violentos em relação ao outro.

O outro era culpado pelo seu atual estado de infelicidade, e por isso deveria ser eliminado ou punido de alguma forma. Para ser bem-sucedido nessa sua jornada de vingança, Caim se tornou desumano, agiu como animal indomável. Sua racionalidade se transformou em violência e despotismo.

Existiu uma falta de Deus absurda. Mas Deus insistiu em estar presente na vida de Caim e fez uma advertência a Caim ao perguntar: “*Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo*” (Gênesis 4:6, 7).

Essa orientação divina buscou fazer com que Caim refletisse sobre si mesmo, levando-o a se responsabilizar pela frustração que experimentava, parando assim de jogar a culpa no outro para olhar a real causa de seus sofrimen-

tos, pois negar essa realidade não é o caminho para resolvê-los.

Deus estava promovendo essa reflexão como uma oportunidade para que Caim pudesse olhar para si mesmo, ficar quieto, a sós, para se conhecer, autoanalisar e assim buscar do alto a força para ter o domínio próprio.

A decisão de Caim foi de não fazer essa reflexão proposta por Deus. Em sua arrogância, ele começou a escutar seus próprios desejos contaminados pelo pecado. Caim não aceitou a soberania de Deus, recusou-se a obedecê-Lo, e fez de si mesmo um deus.

Com uma ação egoísta em sua forma mais perversa, convertido em inveja, em ressentimento, e finalmente em ódio, concretizou o que sentia com ações de violência.

O pecado é predatório, traiçoeiro e fica escondido atrás da porta, de tocaia, à espreita para alimentar esse desejo de violência assassina.

II – O QUE PODEMOS FAZER PARA CONTROLAR ESSA VIOLÊNCIA?

1º – É NECESSÁRIO NASCER DE NOVO

Se quiser ver-se realmente livre do domínio do pecado, é necessário nascer de novo para ganhar um novo coração e um novo espírito (Salmo 51:10, Ezequiel 36:25-27, Isaías 57:15). Somente o sacrifício de Jesus pode purificar o ser humano de sua imundície, tornando-o capaz de oferecer um sacrifício que expresse a vontade de Deus, puro e do agrado do Senhor.

Para Ellen G. White, *“é unicamente pelos méritos de Jesus que nossas transgressões podem ser perdoadas. Aqueles que não sentem necessidade do sangue de Cristo, que acham que sem a graça divina podem pelas suas próprias obras conseguir a aprovação de Deus, estão cometendo o mesmo erro de Caim. Se não aceitam o sangue*

purificador, acham-se sob condenação. Não há outra providência tomada pela qual se possam libertar da escravidão do pecado” (Patriarcas e Profetas, p. 41).

2º – É NECESSÁRIO MAIS DE CRISTO EM MINHA VIDA

Existem muitos que acreditam que a espécie humana necessita não de redenção, mas de “desenvolvimento”, que a espécie humana pode aperfeiçoar-se, elevar-se e regenerar-se.

Porém, a humanidade não consegue fazer isso sozinha; ela precisa de Cristo. *“A humanidade não tem poder para regenerar-se. Ela não tende a ir para cima, para o que é divino, mas para baixo, para o que é satânico. Cristo é a nossa única esperança” (Patriarcas e Profetas, p. 41).* O fim da violência se resume em se aproximar cada vez mais de Deus e buscar ter um caráter semelhante ao dEle.

Gênesis 4:9 diz: *“Disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?”* Caim se afastou da presença do Senhor e se deixou dominar pela violência. Avançou tanto no pecado que perdeu a intuição da contínua presença de Deus e de Sua grandeza e onisciência. Assim, recorreu à falsidade para esconder sua culpa. Por não permitir que Deus cuidasse de suas emoções, o desejo homicida dominou, e Caim passou a ser um fugitivo e errante sobre a face da Terra.

E, assim, a violência que ocorreu no caso de Caim e Abel acontece hoje com muitas mulheres que clamam por justiça!

CONCLUSÃO

Todos nós temos um enorme potencial para produzir violência. A fábrica produtora da violência está dentro do ser humano, e não fora dele!

O apóstolo Tiago vai na mesma direção ao fazer a per-

gunta: *“De onde procedem guerras e contendias que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras”* (Tiago 4:1, 2).

A resposta de Tiago é direta: a violência é fruto do que está dentro, das paixões que guerreiam dentro de cada um. A violência não deve ser aceita, sob nenhuma forma e em nenhuma hipótese. Deus não criou a violência, nem a quer entre Seus filhos.

Deus deu o seguinte testemunho de Seu filho Jesus e Sua missão: *“Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repouso sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumaça, até que faça vencedor o juízo. E, no seu nome, esperarão os gentios”* (Mateus 12:18-21).

A igreja deve ser uma comunidade de paz, e essa paz deve ser levada para todos aqueles que agem com violência em seu lar. Será que vamos notar essas pessoas? Será que vamos ajudar essas pessoas a não se aproximarem da borda do penhasco?

A polícia não pode e nem conseguirá supervisionar a vida de todos. Nossas leis definem o comportamento civil, mas não podem domar a natureza humana pecaminosa.

Atirar de volta é sempre pior do que parar o tiroteio antes que ele comece. Trabalhar para barrar a violência é muito melhor do que consertar seus estragos.

Jesus nos chama para amenizar e curar as feridas onde pessoas são rejeitadas e abusadas por outros, para nos conectarmos aos machucados antes que ataquem e firam mais pessoas na vã tentativa de reduzir o nível de tensão e violência ao redor, quando essa tensão e violência estão instaladas dentro de cada coração e mente.